



Nau Literária

crítica e teoria da literatura em língua portuguesa

PPG-LET UFRGS

ISSN 1981-4526

<https://seer.ufrgs.br/NauLiteraria>

Vol. 16, n. 2 -2020

Dossiê Literatura e Gênero

MORRISON, Toni. *A origem dos outros: seis ensaios sobre racismo e literatura*. São Paulo: Companhia das Letras, 2019. 152 p.

Toni Morrison e a origem dos outros

Luiz Mauricio Azevedo da Silva¹

Merece nota a chegada de um volume de textos da norte-americana Toni Morrison (1931-2019), laureada com o Nobel de Literatura no ano de 1993, ao mercado brasileiro. A edição brasileira tem qualidades evidentes: conta com prefácio de Ta-Nehisi Coates (que se tornou uma personalidade central na discussão da causa racial estadunidense ao lançar, em 2015, o intrigante *Between the world and me* – espécie de revisão criativa de um clássico da tradição afro-americana crítica, o dissonante *The fire next time*, de James Baldwin, sobre o racismo nos Estados Unidos); possui capa dura e cinta auxiliar produzida por Alceu Chiesorin Nunes, a fim de não poluir a belíssima ilustração de Kara Walker². A tradução é por conta de Fernanda Abreu, que é formada em História, na Universidade Paris I Panthéon-Sorbonne, e possui mestrado em Sociologia, na UFRJ. O conjunto desses elementos confere uma evidente sensação de solenidade à edição, em consonância com o *status* internacional da autora, mas oferece também um grande e necessário esforço da editora Companhia das Letras em produzir familiaridade com o tom ensaísta e combativo que Morrison lança mão, bem incomum ao mercado editorial brasileiro.

Há um enorme risco de que, ao se despir o fazer-literário de sua suposta áurea mágica de produção (o que é inegavelmente positivo), talvez não se consiga evitar que na operação de desvelamento da natureza material da literatura ocorra, seja por desencanto ou má-fé, a reificação do acontecimento literário aos olhos de quem promove sua mercantilização. Essa discussão, aparentemente deslocada do objeto dessa resenha é, pois, o ponto central de *A origem dos outros: seis ensaios sobre racismo e literatura*. É, afinal, a relação entre o fazer-

¹ Pós-doutorando no Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas, USP.

² Trata-se de uma reprodução de um dos trabalhos da mostra *The gross clinician presents: Pater Gravidam*, de Kara Walker. Todos os livros de Toni Morrison, relançados no Brasil pela editora Companhia das Letras, a partir de 2018, contam com capas resultantes de ilustrações da artista plástica californiana.



Nau Literária

crítica e teoria da literatura em língua portuguesa

PPG-LET UFRGS

ISSN 1981-4526

<https://seer.ufrgs.br/NauLiteraria>

Vol. 16, n. 2 -2020

Dossiê Literatura e Gênero

literário e a sociedade civil o assunto de Toni Morrison nessa publicação. São no total seis ensaios: *romantizando a escravidão; ser ou tornar-se o estrangeiro; o fetiche da cor; configurações da negritude; narrar o outro; o lar do estrangeiro*. Com um tom predominantemente metalinguístico, *A origem dos outros: seis ensaios sobre racismo e literatura* trata de uma certa negociação discursiva de cunho duplamente articulada, na qual a parte receptora demonstra solidariedade ao esforço do emissor, auxiliando no entendimento da mensagem. Esse paradigma crítico-literário estabelecido pela autora tem profundas raízes teóricas, é fruto tanto de uma sólida formação acadêmica (Morrison era mestre em Literatura, pela Universidade de Cornell), quanto de uma longa carreira na área editorial (foi produtora editorial da Random House). O uso dessas ferramentas aparece no ensaio “o lugar do estrangeiro”, no qual Morrison esboça o que pode ser tomado como um tratado de criação literária e de reconstrução dos elementos formadores de sua própria tradição literária. A África aparece ali não mais como um conceito escapista para fantasias racialistas, e sim como um território com características bem específicas, mediadas por um texto que dá preferência a um fator estético, ao uso das palavras, ao esmero estilístico. Nesse sentido, é como se a expectativa de exotismo da Morrison-leitora fosse frustrada, mas imediatamente substituída pelo flagrante de que a literatura africana pode reservar atributos maiores do que o imperativo ético de sabermos de sua existência. Não seria imprudente sugerir que parte dos leitores brasileiros sentem o mesmo ao se depararem com a literatura da autora.

Um dos maiores entraves para a recepção das obras da autora no Brasil tem sido uma certa frustração em relação às expectativas que sua obra – tanto crítica quanto ficcional – traz. Por ser mulher e negra, em tempos de hipervalorização da imagem dos escritores, seria aceitável esperar que Morrison acenasse com condescendência a um eventual leitor iniciante, sedento por encontrar na crítica literária o acerto de contas histórico que não encontra fora dela. Contudo, como escritora habilidosa que é, ela aceita o alto preço que uma reflexão intelectualmente corajosa impõe, e se afasta das soluções simples, das adulações endogâmicas, e da militância de ocasião. Seu pensamento toma o aspecto de uma *práxis* negra resultado de uma sofisticada formação teórica e uma incomum disposição para o combate das condições materiais que circundam sua classe de origem.



Nau Literária

crítica e teoria da literatura em língua portuguesa

PPG-LET UFRGS

ISSN 1981-4526

<https://seer.ufrgs.br/NauLiteraria>

Vol. 16, n. 2 -2020

Dossiê Literatura e Gênero

O tom da obra é de um diálogo franco, direto, com o leitor; há uma proposta epistolar subjacente no texto. A propósito: a manipulação do formato epistolar como forma de estabelecer um leitor-ideal é uma forma narrativa bastante explorada pela autoria negra estadunidense. Em certa medida, essa operação permite aos autores um tipo de solenidade e de quebra reveste o texto ao *status* de testemunho. Pouco provável que essa tendência não tenha relação com as narrativas de escravidão, primeiros textos publicados em território norte-americano por indivíduos negros, por volta do ano de 1746. O circuito por onde essas obras circulavam incluía um público disposto a acolhê-las e uma entidade editorial disposta a editá-las. No campo da recepção, essas mensagens tinham objetivo político declarado: o de conscientizar o conjunto das comunidades não-negras a apoiarem iniciativas e leis que tivessem como objetivo a emancipação de seus escravizados. Era, pois, uma literatura carregada com consciência – e certo orgulho – de sua instrumentalidade radical, o que nos remete à renitente questão das limitações históricas da autoria literária. Fosse um livro sobre o registro de um tempo específico, essas questões seriam centrais na obra; entretanto, trata-se de um exercício de reflexão da atividade literária que, embora tenha dentro de si a polpa do social, é um pouco mais que o mero registro de uma época. A literatura opera dentro da história e ajuda ela mesma a construir o fato histórico, transformando-a constantemente. Uma de suas múltiplas potências é sugerir a percepção da realidade prática do presente à falsificação do passado, como forma de garantir a hegemonia das narrativas históricas no presente. É por isso que Morrison defende que “uma das maneiras de que as nações dispunham para tornar palatável o caráter degradante da escravidão era a força bruta; outra era a romantização” (MORRISON: 2019, p. 27.). Essa declaração com feições de acusação faz parte de um esforço para desconstrução da narrativa sobre a escravidão em território norte-americano. Segundo a autora, há uma crença na existência de uma natureza comum a todos os negros, um essencialismo rústico. Como prevaleceu a abolição, inclusive com Abraham Lincoln condecorando a autora Harriet Beecher Stowe, passou também a contar a versão de que o problema eram os maus tratos aos escravos. A escravidão precisava ser abolida, porque teria se mostrado insuficiente para dar conta de proteger os escravizados dos excessos de alguns senhores. A lógica protetiva desse caso era de que o próprio processo de escravização



Nau Literária

crítica e teoria da literatura em língua portuguesa

PPG-LET UFRGS

ISSN 1981-4526

<https://seer.ufrgs.br/NauLiteraria>

Vol. 16, n. 2 -2020

Dossiê Literatura e Gênero

ampliava os riscos de excesso e era o excesso de episódios de maltratos – e não a reificação em si – o problema.

Harriet Beecher Stowe não escreveu *A cabana do Pai Tomás* para Tom, tia Chloe ou qualquer pessoa negra ler. Seus leitores contemporâneos eram pessoas brancas, aquelas que precisavam, queriam ou conseguiam apreciar a romantização (MORRISON: 2019, p.36).

O enfrentamento direto de grandes vultos literários não é algo usual na tradição crítica brasileira de autores. Por essa razão, logo no começo desse texto, chamei atenção para o paralelo entre criação literária e crítica literária, simbolizado pela problematização do comportamento das oficinas de criação literária no Brasil. Um mercado editorial raquítico, unívoco e predominantemente não-negro produz uma literatura – e infelizmente uma crítica literária – de configuração igualmente frustrante. Nossos autores raramente se mostram dispostos a posicionarem suas produções em relação à tradição sociológica que os formaram e – quando fazem – carecem de uma formação intelectual que os possibilite escapar do eterno nós *versus* eles, no qual a ignorância sobre as produções periféricas é substituída por um projeto de defesa da ignorância sobre as produções centrais.

Um dos objetivos do racismo científico é identificar um forasteiro de modo a definir a si mesmo. Outra possibilidade é a manutenção (ou mesmo o gozo) da própria diferença sem desprezo pela diferença categorizada do Outremizado. A literatura é especialmente e evidentemente reveladora ao expor/refletir sobre a definição de si, quer condene ou apoie o modo pelo qual ela é adquirida. Como uma pessoa se torna racista ou sexista? Já que ninguém nasce racista, e tampouco existe qualquer predisposição fetal ao sexismo, aprende-se a Outremização não por meio do discurso ou da instrução, mas pelo exemplo. (MORRISON, 2019, p. 17).

Dentre as muitas vítimas de uma guerra simbólica está a presunção de que todo conflito social se resolveria mediante um exercício de boa-vontade das partes envolvidas. Na literatura, isso costuma resultar em obras que emulam o discurso do outro para que assim possa se continuar a falar dos mesmos agentes de sempre. É dessa árvore que brotam oxímoros dolorosos, exemplificados pela sucessão de episódios em que se apresenta uma literatura documentada como sendo indianista, mas que na verdade é colonialista; ou mesmo na presunção desidradada de sentido material de que a produção estética de Jorge Amado seria literatura negra.

Durante muito tempo, entretanto, pareceu mais difícil para nós, brasileiros, entender o peso dessas discussões. Como nação apostou-se no mito da democracia racial e a literatura



Nau Literária

crítica e teoria da literatura em língua portuguesa
PPG-LET UFRGS ISSN 1981-4526

<https://seer.ufrgs.br/NauLiteraria>
Vol. 16, n. 2 -2020
Dossiê Literatura e Gênero

sempre esteve lá para dar sua contribuição³. Assim, *A origem dos outros: seis ensaios sobre racismo e literatura* é uma oportunidade editorial rara para examinarmos as estruturas ficcionais da nossa formação histórica. Mais do que uma chaga na história pessoal das vítimas, o racismo produz uma fenda profunda no tecido social, deformando nosso ideal de civilização. Uma Nobel de literatura sabe bem a extensão desse dano, mas espanta que presumamos que sua capacidade de ver com clareza o que não temos visto venha do fato de ter nascido negra e não do acidente existencial de ter sido vítima do brutal processo racialista a que submetemos, como sociedade, a comunidade negra.

Referências

- BALDWIN, James. *The fire next time*. Nova York: Dial Press, 1963.
- BERND, Zilá. *Negritude e literatura na América Latina*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1987.
- COATES, Ta-Nehisi. *Between the world and me*. Nova York: Spiegel & Grau, 2015.
- MORRISON, Toni. *A origem dos outros: seis ensaios sobre racismo e literatura*. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

³ Houve certo receio em algumas produções teóricas em abarcar a interpretação estadunidense. Em certa medida porque os Estados Unidos pertenciam a um campo ideológico reconhecido como anti-latino; mas muito porque o reconhecimento das demarcações étnicas não parecia oferecer ganho algum para a parte não-negra dessa história: “Esta epidermização da questão feita por alguns críticos nos parece inoperante por não haver nenhuma relação entre o fato de se pertencer a determinada etnia e a estruturação da sensibilidade” (BERND, 1987, p. 16).